



ENTRE A COLAGEM E/OU A DESCOLAGEM DO SUJEITO AO DISCURSO-OUTRO, O EFEITO DE AUTORIA

Mariele Zawierucka Bressan¹

PALAVRAS INICIAIS

A autoria, sob o enfoque da Análise de Discurso, tem sido estudada como um princípio de textualidade, a partir do qual o sujeito, na posição de autor, torna-se responsável pelo efeito de fechamento do texto. É a partir deste referencial teórico que temos como objetivo, neste trabalho, apresentar nosso estudo sobre a autoria, noção esta que se tornou objeto de investigação em nossa dissertação de mestrado, em 2011.

Em nossa pesquisa, buscamos articulá-la às metáforas constitutivas do sujeito – a alienação e a separação – trabalhadas pela psicanálise lacaniana. Tendo presente que o outro é constitutivo tanto do discurso quanto do sujeito, pensamos a autoria como um processo que pode envolver os processos que denominamos de colagem e/ou descolagem do sujeito ao discurso-outro, sendo este concebido como o conjunto de saberes de determinadas formações discursivas, o interdiscurso, o já-dito, a memória discursiva. Dessa maneira, propomos que, pela alienação, o sujeito cola-se ao discurso-outro e, pela separação, descola-se.

A COLAGEM E A DESCOLAGEM DO SUJEITO AO DISCURSO-OUTRO

Uma das questões por nós proposta, para tratar a questão da construção do efeito de autoria, é a possível articulação entre a AD e a psicanálise, especificamente a lacaniana. Uma interlocução entre estas teorias já é estabelecida pelo próprio Pêcheux (1993), quando este menciona o quadro epistemológico da AD: o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, atravessadas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica.

A noção de sujeito, portanto, torna-se fundamental para uma possível aproximação entre ambas as teorias, ao mesmo tempo em que nos permite falar em colagem e descolagem ao discurso-outro. O sujeito lacaniano pode ser definido como dividido entre o eu e o inconsciente, “[...] entre um sentido inevitavelmente falso de *self* e o funcionamento automático da linguagem (a cadeia significante) no inconsciente” (FINK, 1998, p. 66-67).

Os analistas de discurso não ficam cegos a essa concepção de sujeito. Este, para a AD, é atravessado pela linguagem e pela história e, pelo imaginário, tem acesso apenas à parte do que diz. Dessa forma, podemos compreender o deslocamento de Pêcheux sobre a noção de sujeito. A partir de Althusser e de Lacan, afirma que o sujeito é descentrado, não é dono de sua morada e é duplamente afetado: pela ideologia e pelo inconsciente.

¹ Mestre em Letras – Estudos Linguísticos, pela UPF. mzbressan@yahoo.com.br



Essa forma de conceber o sujeito e sua relação com a exterioridade relaciona-se com os estudos empreendidos por Authier-Revuz (1990). A autora apresenta o sujeito como efeito de linguagem e, por conseguinte, dividido, clivado, cindido. Nesse sentido, o sujeito, da mesma forma que o seu dizer, está intimamente relacionado com a exterioridade, sendo esta constitutiva. Dessa forma, a heterogeneidade discursiva comporta a presença de um "outro" que determina, pela relação com a exterioridade, o sujeito da linguagem. É pela heterogeneidade constitutiva que podemos pensar o discurso como atravessado por "outros discursos", pelo discurso do "outro". Esse outro de que trata Authier-Revuz (1990), não é um objeto exterior do qual se fala, mas uma condição constitutiva do discurso de um falante que não é a fonte primeira desse discurso.

Essa definição de sujeito dividido e descentrado é por nós levada em consideração uma vez que fundamenta o que temos proposto como colagem e/ou descolagem do sujeito ao discurso-outro, o que, em nossa concepção, pode ser visto tanto como os saberes de determinadas FDs, como a memória discursiva que se materializa nos dizeres de nossos alunos, quanto como o próprio inconsciente, que retorna sempre sem que o sujeito se dê conta. Consideramos, portanto, que o discurso-outro é constituído tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente e que, no efeito de autoria, o sujeito autor, ao organizar o fio do discurso, imprime em sua materialização linguística, as marcas desse discurso-outro. Sobre essa questão, Cazarin afirma que

[...] o sujeito histórico da FD, não-homogêneo e fragmentado, nada tem a ver com o sujeito centralizado num eu monolítico; o sujeito, na perspectiva da AD, é relativizado, com forte presença do outro, com quem divide seu espaço discursivo – é ele, mais a complementação do outro, mais o inconsciente. Nesse outro, inclui-se não só o destinatário, mas também a voz de 'outros' discursos, historicamente já constituídos, que se encontram no nível do interdiscurso (2004, p. 21).

Tendo isso presente, resta-nos explicar o modo como concebemos o que temos chamado de colagem e/ou descolagem do sujeito ao discurso-outro. Para tanto, mobilizamos da psicanálise lacaniana as metáforas substitutivas: a alienação e a separação.

No processo de alienação estão relacionados a criança e o Outro. Aqui há um jogo de perda e ganho: pela alienação, a criança sempre perde em relação ao Outro, por assujeitar-se a ele. No entanto, ao assujeitar-se, a criança ganha, porque ela torna-se um dos sujeitos da linguagem. Nas palavras de Fink (1998, p. 71), "[...] a criança, assujeitada ao Outro, permite que o significante a substitua". Ou seja, a criança desaparece debaixo ou atrás do significante ao advir na forma de sujeito dividido. A alienação significa, portanto, "[...] a instituição da ordem simbólica e a atribuição de um lugar ao sujeito nessa ordem" (FINK, 1998, p. 74-75). Este processo representa o que temos proposto por colagem do sujeito ao discurso-outro.

A separação, por sua vez, envolve o confronto do sujeito alienado com Outro. No entanto, esse confronto não se dá como linguagem, mas como desejo, isso porque, ao mesmo tempo em que o sujeito advém pela linguagem, é causado pelo desejo do Outro. O desejo e a linguagem podem ser considerados como a "[...] urdidura e a trama do mesmo tecido [...]" (FINK, 1998, p. 72), de modo que



“a linguagem é permeada pelo desejo e o desejo inconcebível sem a linguagem, e feito da própria matéria-prima da linguagem” (FINK, 1998, p. 73). É possível também conceber a separação como um processo que complementa a alienação, isso porque, embora a separação dê origem ao ser, este pode ser considerado como eminentemente evanescente e evasivo. Não se trata de uma falta da falta, mas de uma justaposição, superposição ou coincidência de duas faltas: é preciso que o Outro materno se mostre incompleto, ou seja, também alienado pela linguagem e, portanto, desejante, para que a separação se concretize e para que o sujeito se torne barrado.

A partir de tal concepção podemos inferir a descolagem do sujeito ao discurso-outro como processo de separação. Explicamos: após o sujeito ter se alienado à linguagem, ao discurso-outro, dele se separa para instaurar sua singularidade. Isso significa que o sujeito, por ser concebido como desejante, advém na e pela linguagem, tentando preencher a falta que lhe é constitutiva, de modo a produzir um efeito de completude. Com a separação, o sujeito não passa a ser pleno ou completo, mas passa a “jogar” com o desejo do outro, que também se mostra constituído pela falta.

O EFEITO DE AUTORIA

Tendo presente o exposto, podemos articular à noção de autoria, tanto os aspectos discursivos quanto as metáforas substitutivas de que trata Lacan. Desse modo, em termos gerais, é possível dizer que, na produção do efeito de autoria, há uma relação entre a unidade e a dispersão, entre memória e atualidade. Ou seja, o sujeito (disperso), passa a ser autor (unidade), na medida em que torna uno, no fio discurso, o que estava disperso no interdiscurso. Nesse processo, o sujeito pode colar-se e/ou descolar-se do discurso-outro, tendo em vista o trabalho com a memória, que implica dois tipos de repetição: a empírica e a histórica. Caso fique na colagem, o sujeito apenas repete empiricamente o discurso-outro. Caso deste se separe, sua repetição será histórica, uma vez que outros efeitos de sentido serão possíveis.

Para exemplificar, apresentamos parte de nosso recorte, denominado de “Colagem e/ou descolagem do sujeito ao discurso-outro”, o qual se constitui de textos (cartas pessoais) produzidos por alunos da 5ª série do Ensino Fundamental de uma escola da periferia de Getúlio Vargas/RS, em 2009. Este recorte está dividido em dois blocos: no primeiro, analisamos a colagem e/ou a descolagem do sujeito à formação discursiva do Discurso Pedagógico e, no segundo, o atravessamento de outros discursos nas materialidades que tomamos para análise, a saber, da formação discursiva do Discurso Religioso e da formação discursiva do Discurso Popular.

RECORTE: COLAGEM E/OU DESCOLAGEM DO SUJEITO AO DISCURSO-OUTRO

Bloco Discursivo 1: Colagem e/ou Descolagem do sujeito à FD do Discurso Pedagógico



Para caracterizar a FD do discurso Pedagógico, levamos em consideração o trabalho realizado pelos professores em sala de aula, especificamente o que se refere à produção textual. Assim, podemos dizer que constitui essa FD, desde a estrutura formal do gênero trabalhado (no caso, a carta pessoal), até os apontamentos feitos pela professora quando da avaliação dos textos. Também levamos em consideração as marcas do discurso escolar propriamente dito, que pode se materializar nas produções das crianças.

Vejamos as seguintes sequências discursivas:

SD1

Getúlio Vargas, 09 de novembro de 2009
Querida Silvonete
[...]
Com carinho da sua aluna um abraço da
Alessandra.
Beijos da Ale.

SD2

DE: LORECI, PARA: ANETE
[...]
Um abraço de sua amiga: Loreci
TE A
DORO

Na SD1, vemos que o sujeito, na posição de aluno, ao escrever para a diretora da escola, se colou ao que chamamos de estrutura formal do gênero carta: imprimiu data, saudação inicial e final, e assinou a carta. Isso, por si só, não garante o efeito de autoria. No entanto, esse mesmo sujeito, busca formas de se mostrar no discurso: trata-se da forma como finaliza sua carta. Ao mesmo tempo em que se cola à estrutura do gênero, se descola, ao materializar sua singularidade na forma como escreve a saudação final. Ao dizer “Com carinho da sua aluna um abraço da Alessandra. Beijos da Ale.”, a posição-sujeito desliza por dois lugares: um institucional e outro afetivo. Esta carta foi escrita por A. para a diretora da escola. Assim, ao se referir ao lugar institucional, a posição-sujeito escreve “Com carinho de sua **aluna** [...] (grifo nosso)”. A palavra “aluna” evidencia a posição que o sujeito ocupa na instituição escolar; além disso, o nome é grafado por completo. Já na expressão “Beijos da Ale.”, observamos o deslizamento do lugar institucional para o afetivo: não se trata mais da aluna, mas da amiga que, inclusive, se refere pelo apelido “Ale”. Dessa forma, o que poderia ser pensado como redundância, é, por nós, tratado como deslizamento de sentidos, bem como de lugares.

Um deslizamento semelhante também ocorre na SD2. Nesta, observamos que o sujeito, na posição de aluno, se descola da estrutura formal do gênero carta, principalmente no que se refere à colocação do local, da data e das saudações inicial e final. Observamos uma forma diferenciada de mencionar o destinatário: “DE: L., PARA: ANETE”. Ao romper com a estrutura formal do gênero, produz-se um deslizamento de sentido, na medida em que ocorre uma hibridização de gêneros textuais. Trata-se da incorporação, na carta, de elementos que caracterizam o e-mail. Esse aspecto confirma a definição de gênero textual por nós empregada com base em Bakhtin (2003), de que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados.

Além desse, outros aspectos precisam ser considerados: a aluna não faz a saudação inicial como proposto pelos modelos trabalhados, mas finaliza sua carta com a expressão “Um abraço de sua amiga: L.” e ainda materializa um gesto de carinho para com a destinatária: “TE A DORO”. Essa separação da palavra “adoro” em “a doró” não é, por nós, tratada como erro, mas como uma forma de



o sujeito se singularizar pela voz. Quer dizer, sua escrita adquire sonoridade, na medida em que o “a” é separado do restante da palavra.

A análise dessas duas SDs permite-nos dizer que não há uma linha que separa colagem e descolagem. Isso quer dizer que ambos os processos podem ocorrer concomitantemente, da mesma forma que o sujeito pode assumir diferentes posições-sujeito. Em outras palavras: mesmo inscrito na FD do Discurso Pedagógico, o sujeito desliza por diferentes posições a partir das quais busca se singularizar.

Bloco Discursivo 2: O atravessamento de outros discursos

Neste bloco discursivo, analisamos SDs pelas quais é possível observar a heterogeneidade constitutiva do discurso. No decorrer das análises de nosso *corpus*, observamos que, não raro, numa mesma carta, além da inscrição do sujeito na FD do Discurso Pedagógico, outras FDs se faziam presentes, tais como a FD do Discurso Religioso e a FD do Discurso Popular. A partir daí, podemos dizer que, embora continue inscrito na FD do DP, o sujeito pode se inscrever também em outras. Sobre essa questão, Indursky coloca que “[...] as fronteiras de uma formação discursiva são suficientemente porosas para permitirem que saberes oriundos de outras formações discursivas aí se façam presentes” (2008, p. 17).

Vejamos mais duas SDs:

SD3

[...] Fique com DEUS [...]. Deus vai cuidar de vocês o resto da vida de vocês. [...]

SD4

[...] M ARAVILHOSA
A MOROSA
SO R RIDENTE
I MPORTANTE
L E GAL
L INDA
E SPECIAL
Amiga real
Amiga fiel
seremos amigas
até lá no céu. [...]

Na SD3 observamos a inscrição do sujeito na FD do Discurso Religioso e, na SD4, sua inscrição na FD do Discurso Popular. Na SD3, o sujeito, ocupando a posição de alunos, materializa e reproduz as vozes dos representantes de Deus, inscritos no Discurso Religioso. O sujeito, dessa forma, identifica-se à FD do DR ao ocupar a posição de ouvinte, ou seja, não de Deus e nem de seu representante legítimo, mas de quem está a esse discurso submetido, a tais vozes assujeitado. Na verdade, o sujeito ocupa, no DR, a posição de “sujeito”, como tem proposto Althusser, e de “ouvinte” como sugere Orlandi (2009) e não de Sujeito ou locutor (Deus). É possível dizer que esse discurso constitui a memória discursiva desse sujeito, o que torna possível sua materialização no fio do discurso. Esses já-ditos dispersos no interdiscurso são “tomados” pelo sujeito e, no texto, adquirem



unicidade. O sujeito tem a ilusão de que seu dizer é único. Pelos esquecimentos que lhes são constitutivos, se esquece de que suas materializações discursivas não têm origem em si mesmo, mas são fruto de sua interpelação ideológica, no caso, ao DR.

Já na SD4, é possível observar tanto a colagem como a descolagem do sujeito a FD do Discurso Popular. No trecho “[...] Amiga real/ Amiga fiel, seremos amigas/ até lá no céu [...]”, observamos o processo que temos chamado de colagem a esta FD, isso porque a aluna reproduz fielmente as palavras do verso que dedica a seu destinatário. Trata-se da repetição empírica. No entanto, na mesma SD, temos também o processo de descolagem, materializado pelo acróstico.

Pelo acróstico, dizemos que há descolagem, especificamente no trecho “[...] MARAVILHOSA/ AMOROSA/ SORRIDENTE/ IMPORTANTE/ LEGAL/ LINDA/ ESPECIAL [...]”. Isso porque, nessa passagem, a aluna rompe tanto com o estabilizado pelo Discurso Popular quanto com o Discurso Pedagógico, deixando de meramente reproduzi-los. Há uma repetição histórica, que torna sua escrita interpretável, pois ao construir um acróstico a partir do nome do destinatário, a posição-sujeito aluno singulariza-se e historiciza seu dizer. Há uma relação entre o mesmo e o diferente, uma vez que a posição-sujeito aluno toma do já-dito palavras que já têm determinados sentidos, mas, ao produzir o efeito de novidade – e de unicidade (como se seu dizer fosse único), essas palavras são resignificadas. No caso, o acróstico é da ordem do interdiscurso, mas, da forma como foi produzido, tornou-se singular.

NOSSO EFEITO DE FECHAMENTO

Ao final das análises realizadas, observamos que a autoria pode ser considerada como uma questão discursiva, relacionada às metáforas substitutivas de Lacan que, em nosso trabalho, passaram a ser chamadas de colagem e descolagem.

Observamos que a produção do efeito de autoria relaciona-se com a questão do repetível, da memória e da interpretação, uma vez que o sujeito, na posição de autor, será o responsável pela organização do dizer e esta tem a ver com as suas filiações às formações discursivas, ao interdiscurso, à memória. Assim, o sujeito pode, ao mesmo tempo, tanto colar-se a determinados discursos-outros, quanto deles se descolar, tendo presente a heterogeneidade das FDs com as quais se filia, mesmo que inconscientemente. O texto, como materialização de discursos, portanto, não pode ser visto como um objeto fechado em si mesmo, visto que o sujeito, duplamente interpelado, pela ideologia e pelo inconsciente, busca, na escritura, tornar Um o Não-Um constitutivo de si mesmo e do discurso. O efeito de autoria, nesse sentido, pode ser produzido tanto na colagem quanto na descolagem do sujeito ao discurso-outro, uma vez que a escritura, concebida como um processo que envolve construção e desconstrução, a partir de gestos de interpretação, implica também o encontro entre uma memória e uma atualidade.

REFERÊNCIAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
V SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
O acontecimento do discurso: filiações e rupturas
Porto Alegre, de 20 a 23 de setembro de 2011

AUTHIER-REVUZ. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* (19): 25-41, Campinas, UNICAMP, IEL, jul-dez, 1990.

CAZARIN, E. A. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula (1978 – 1998)*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Tese de Doutorado.

FINK, B. *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, S.; GRIGOLETTO, E.; CAZARIN, E. A. (Orgs.) *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

PÊCHEUX, M. A análise automática do discurso. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.